

# *307* *A desconfiança dos "fiscais"*

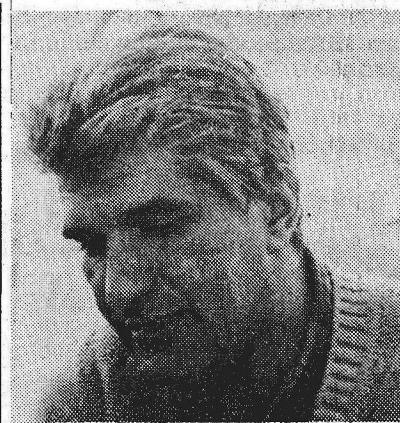
O novo pacote não foi bem recebido pelos consumidores, antes investidos da autoridade de "fiscais do Sarney". O entusiasmo gerado pelo Plano Cruzado vem cedendo espaço para uma certa desconfiança de que "as coisas não estão saindo como o planejado". Para o público, sobretudo as pessoas que não acompanham o noticiário político e econômico, fica a impressão de que quando um pacote sucede outro deve-se desconfiar de que o governo não sabe que rumo tomar.

Depois de quase cinco meses de congelamento de preços, alguns ainda guardam a euforia cívica de controlar e fiscalizar o comércio. A maioria, porém, diz que não foi

possível fazer a tão sonhada poupança. Dos muitos que aceitaram o convite para serem fiscais, poucos acolhem a idéia de ser presidente. O aumento dos combustíveis é o maior responsável pela insatisfação. Parece difícil, para o consumidor, encarar esse aumento de outra forma que não uma maneira disfarçada de descongelar preços. Nas ruas, a população ainda cobra um corte visível dos gastos do governo, a contrapartida para a cota de sacrifício que vem fazendo. Apesar do congelamento, a maioria lembra que os aluguéis e as roupas continuam a consumir a maior parte dos salários. Soma-se a isso a falta de carne e de leite e, agora, o aumento dos combustíveis.



Maria da Penha Rodrigues, professora: "O novo plano achata ainda mais a classe média. Se precisar fiscalizar eu fiscalizo, mas não tenho tempo para isso. Além disso, não é justo o governo taxar as coisas, pois para quem é rico não faz diferença. Para a classe média é que vai ser ruim. Nós continuamos a pagar as contas do governo. Eu nunca consegui guardar dinheiro no fim do mês e continuo não conseguindo".



César Alberto Marques, 39 anos, auxiliar de contabilidade: "O cruzadinho põe por água abaixo a meta do Sarney. Ele deveria tornar as brechas do cruzado, como impedir a cobrança absurda de aluguéis. Estou revoltado com o aumento da gasolina, não acho justo. Eu já gasto metade do meu salário com alimentação. Vou continuar a fiscalizar, mas não tenho o mesmo ânimo".



Eugenio Huerta, 60 anos açougueiro de supermercado: "Nos meus trinta anos de profissão, nunca vi faltar tanta carne como agora. Eu fico descontente de ter de oferecer carne de segunda para as pessoas. É uma situação triste que estamos vivendo. Acho que o governo deveria pressionar os empresários que estão pressionando o plano cruzado. Se não, não vai dar certo. O povo não pode fazer mais nada".



Sandra Regina Passi Catrouxo, 19 anos, secretária: "Estou muito confiante com as novas medidas. Temos de tentar, é tudo ou nada. Acho que o governo está mexendo no lugar certo, isto é, tirando de quem pode e não dos pobres. Eu aceito o convite para ser presidente e me coloco no lugar dele, é uma responsabilidade muito grande. Temos de colaborar. Vou continuar sendo fiscal do presidente".



Cleidenei Arruda, agenciador de passagens na estação Tietê: "Estou revoltado porque a situação já é difícil. Falta leite e eu tenho de sair cedo procurando um litro para o meu filho, que é pequeno. Agora vou ter de encostar meu carro (um Chevette 77) que eu usava nos fins de semana. Esse aumento vai pesar muito no salário. O governo não devia ter aumentado a gasolina".



Celita Gomes, 56 anos, empregada doméstica: "Trabalho em casa de família o dia inteiro para ganhar Cr\$ 70,00 por dia. Não entendendo nada de política, minha religião não permite que eu acompanhe essas coisas (ela é crente). O que sei é que não consigo comprar nada, mesmo com preços congelados. Para mim esse pacote não trouxe vantagem. No fim do mês não sobra nenhum dinheiro, como antes".